

Pós-Modernismo (Poesia)

Resumo

Em seu estudo *Quadro sintético da literatura brasileira* (1956), Alceu Amoroso Lima incluiu a expressão *Pós-modernismo*, com o significado sobretudo cronológico como diferença em relação ao Modernismo, que apresentava sinais de desgaste.

Devido a multiplicidade de tendências, a certeza de que o Pós-modernismo representa a ruptura e não a continuidade do Modernismo é pouco nítida: em razão das especificações culturais e históricas e das diferenças artísticas no contexto brasileiro, o conceito de Pós-modernismo é difuso e impreciso. A heterogeneidade das formas artísticas, as expressões pouco comuns, os hibridismos, as tentativas de novas formas de expressão são inerentes à pós-modernidade. Deste modo, a definição de pós-modernidade é controversa e polêmica devido à sua complexidade e à pluralidade de elementos que envolve.

O Pós-modernismo não se deu só na literatura. O termo passou a designar as mudanças ocorridas nos campos das artes, das ciências, da filosofia a partir do final da década de 60. A crítica brasileira elegeu Clarice Lispector, e Guimarães Rosa, na prosa e João Cabral de Melo Neto, no verso como os precursores do Pós-modernismo no Brasil.

Características do Pós-modernismo

- Pesquisa da linguagem (instrumentalismo);
- Renovação na estrutura da narrativa;
- Apelo fantástico (realismo mágico), crítica do real através da ilógica, do irreal;
- Identificação com os Modernistas da primeira geração: o caráter renovador e experimental reaparece;
- Valorização de contos e minicontos como forma de espelhar o tempo moderno;
- Popularização da literatura com a documentação da realidade brasileira cotidiana por meio de linguagem antiliterária;
- Caráter vanguardista da poesia: concretismo, poema-processo, poesia-práxis, poesia-social.

João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto (1920-1999) foi um poeta e diplomata brasileiro. Autor de "Morte e Vida Severina", poema dramático que o consagrou. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Recebeu o Prêmio da Poesia, do Instituto Nacional do Livro, o Prêmio Jabuti da Academia Brasileira do Livro e o Prêmio da União Brasileira de Escritores, pelo livro "Crime na Calle Relator".

Nasceu no Recife, Pernambuco. Filho de Luís Antônio Cabral de Melo e de Carmem Carneiro Leão Cabral de Melo. Irmão do historiador Evaldo Cabral de Melo e primo do poeta Manuel Bandeira e do Sociólogo Gilberto freire. Passou sua infância entre os engenhos da família nas cidades de São Loureço da Mata e Moreno. Estudou no Colégio Marista, no Recife. Amante da leitura lia tudo o que tinha acesso, no colégio e na casa da avó.

Em 1941, participa do Primeiro Congresso de Poesia do Recife, lendo o opúsculo "Considerações sobre o Poeta Dormindo". Em 1942 publica sua primeira coletânea de poemas, com o livro "Pedra do Sono", onde predomina uma atmosfera vaga de surrealismo e absurdo. Depois de se tornar amigo do poeta Joaquim Cardoso e do pintor Vicente do Rego Monteiro, transfere-se para o Rio de Janeiro.

Durante os anos de 1943 e 1944, trabalhou no Departamento de Arregimentação e Seleção de Pessoal do Rio de Janeiro. Em 1945 publica seu segundo livro "O Engenheiro", custeado pelo empresário e poeta Augusto Frederico Schmidt. Realiza seu segundo concurso público, e em 1947 ingressa na carreira

diplomática passando a viver em várias cidades do mundo, como Barcelona, Londres, Sevilha, Marselha, Genebra, Berna, Assunção, Dacar e outras.

Em 1950, publicou o poema "O Cão Sem Plumas", a partir de então começa a escrever sobre temas sociais. Em 1956 escreve o poema "Morte e Vida Severina", responsável por sua popularidade. Trata-se de um auto de Natal que persegue a tradição dos autos medievais, fazendo uso da redondilha, do ritmo e da musicalidade. Foi levado ao palco do Teatro da Universidade Católica de São Paulo (TUCA), em 1966, musicada por Chico Buarque de Holanda. O poema narra a trajetória de um retirante, que para livrar-se de uma vida de privações no interior, rumo para a capital. Na cidade grande o retirante depara-se com uma vida de dificuldades e miséria.

João Cabral de Melo Neto foi casado com Stella Maria Barbosa de Oliveira, com quem teve cinco filhos. Casou pela segunda vez com a poetisa Marly de Oliveira. Foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, para a cadeira nº 37, tomando posse em 6 de maio de 1969. Em 1992, começa a sofrer de cegueira progressiva, doença que o leva à depressão.

João Cabral de Melo Neto morreu no Rio de Janeiro, no dia 9 de outubro de 1999, vítima de ataque cardíaco.

Fonte: https://www.ebiografia.com/joao_cabral_de_melo_netto/

Ferreira Gullar

Ferreira Gullar, pseudônimo de José de Ribamar Ferreira, foi um poeta, crítico de arte e ensaísta brasileiro. Abriu caminho para a "Poesia Concreta" com o livro "A Luta Corporal". Organizou e liderou o movimento literário "Neoconcreto". Recebeu o Prêmio Camões, em 2010. Em 2014, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Nasceu em São Luís, Maranhão, no dia 10 de setembro de 1930. Iniciou seus estudos em sua cidade natal. Com 13 anos passou a se dedicar à poesia. Com 18 anos começou a assinar Ferreira Gullar e publicou seu primeiro livro de poesias intitulado "Um Pouco Acima do Chão". Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde atuou como jornalista. Participou do Centro Popular de Cultura da extinta União Nacional do Estudante.

Ferreira Gullar iniciou sua obra sob os princípios da poesia concreta, logo deixou os vanguardistas de São Paulo, numa luta para construir uma expressão própria. Em 1954 escreveu a "A Luta Corporal", livro que renunciava a Poesia Concreta. Em 1956, depois de participar da primeira exposição de Poesia Concreta, realizada em São Paulo, organizou e liderou o grupo "Neoconcreto", no qual participaram Lúcia Clark e Hélio Oiticica. Após romper com os concretistas, aproxima-se da realidade popular e do pensamento progressista da época, todo ele ligado ao populismo.

Ferreira Gullar presidia o Centro Popular de Cultura da UNE, quando em 1964, veio o golpe militar. Filiado ao PC e um dos fundadores do grupo Opinião, foi preso e viveu fora do país de 1971 a 1977. Esteve exilado em Paris e depois em Buenos Aires.

Em 1976, publica o "Poema Sujo", escrito em 1975, no exílio em Buenos Aires, que representa a solução dos problemas vividos por todos os intelectuais do período, que viram seus ideais populistas serem sufocados pela revolução de 1964. Em 1977 é absolvido pelo STF e retorna ao Brasil.

Para o teatro, Ferreira Gullar escreveu, em 1966, em parceria com Oduvaldo Vianna Filho, a peça "Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar o Bicho Come". Em parceria com Arnaldo Costa e A.C. Fontoura, escreveu, em 1967, "A Saída? Onde Fica a Saída?". Junto com Dias Gomes, em 1968, escreveu "Dr. Getúlio, Sua Vida e Sua Glória". Para a televisão, colaborou para as novelas Araponga em 1990, Irmãos Coragem, em 1995 e Dona Flor e Seus Dois Maridos, em 1998.

Ferreira Gullar ganhou diversos prêmios de literatura, entre eles, o Prêmio Jabuti de Melhor Livro de Ficção de 2007, com "Resmungos". Também teve reconhecimento com Prêmio Camões, em 2010. No mesmo ano, recebeu o título de Doutor Honoris Causa, da UFRJ. Em 2011, recebeu o Prêmio Jabuti de Poesia.

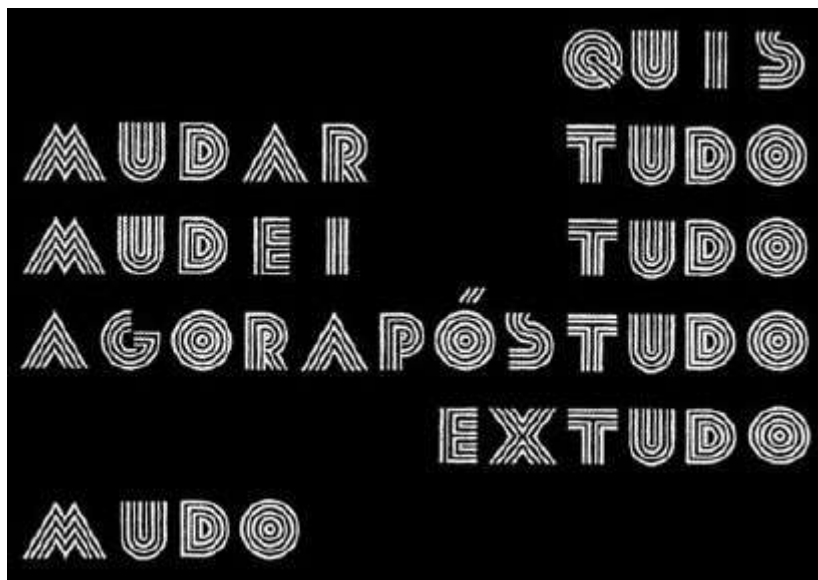
No dia 9 de outubro de 2014, Ferreira Gullar foi eleito para a cadeira nº 37 da Academia Brasileira de Letras. Em dezembro desse mesmo ano realizou a exposição "A Revelação do Averso" onde apresentou 30 quadros feitos a partir de colagens com papel colorido, que foram produzidas como passatempo. A mostra foi acompanhada por um livro com fotos da coleção completa e também com poemas do autor.

Ferreira Gullar faleceu no Rio de Janeiro, no dia 4 de dezembro de 2016.

Movimentos da poesia pós-moderna

Poesia Concreta

Revista Noigrandes, 1958(São Paulo): o manual da Poesia Concreta foi publicado. Assinado pelos poetas Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, o manifesto foi batizado - ironicamente - de Plano Piloto Para Poesia Concreta. As propostas dos idealizadores eram: poesia concreta: produto de uma evolução crítica de formas dando por encerrado o ciclo histórico do verso (unidade rítmico-formal), a poesia concreta começa por tomar conhecimento do espaço gráfico como agente estrutura. espaço qualificado: estrutura espaço-temporal, em vez de desenvolvimento meramente temporístico-linear, daí a importância da ideia de ideograma, desde o seu sentido geral de sintaxe espacial ou visual, até o seu sentido específico (fenollosa/pound) de método de compor baseado na justaposição direta – analógica, não lógico-discursiva – de elementos.



Pós-tudo
Augusto de Campos



Velocidade
Ronaldo Azeredo

Textos de apoio

TEXTO I

O Cão Sem Plumas

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta
por uma espada.

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão.

Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.

Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.

Sabia da lama
como de uma mucosa.
Devia saber dos povos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habita as ostras.

Aquele rio
jamais se abre aos peixes,
ao brilho,
à inquietação de faca
que há nos peixes.
Jamais se abre em peixes.

TEXTO II

Morte e Vida Severina

— O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:

que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza.

João Cabral de Melo Neto

TEXTO III

Poema Sujo

turvo turvo
a turva
mão do sopro
contra o muro
escuro
menos menos
menos que escuro
menos que mole e duro
menos que fosso e muro: menos que furo
escuro
mais que escuro:
claro
como água? como pluma?
claro mais que claro claro: coisa alguma
e tudo
(ou quase)
um bicho que o universo fabrica
e vem sonhando desde as entranhas
azul
era o gato
azul
era o galo
azul
o cavalo
azul
teu cu
tua gengiva igual a tua bocetinha
que parecia sorrir entre as folhas de
banana entre os cheiros de flor
e bosta de porco aberta como
uma boca do corpo
(não como a tua boca de palavras) como uma
entrada para
eu não sabia tu
não sabias
fazer girar a vida
com seu montão de estrelas e oceano
entrando-nos em ti
bela bela
mais que bela
mas como era o nome dela?
Não era Helena nem Vera

nem Nara nem Gabriela
nem Tereza nem Maria
Seu nome seu nome era...
Perdeu-se na carne fria
perdeu na confusão de tanta noite e tanto dia

Trecho de Poema Sujo, de Ferreira Gullar.

TEXTO IV

Não há vagas

Não há vagas
O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão
O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras
– porque o poema, senhores,
está fechado:
“não há vagas”
Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço
O poema, senhores,
não fede
nem cheira.

Ferreira Gullar

TEXTO V

Traduzir-se

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta:
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir-se uma parte
na outra parte
– que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

Ferreira Gullar

Exercícios

1. Considere as seguintes afirmações sobre o Concretismo.
- I. Buscou na visualidade um dos suportes para atingir rupturas radicais com a ordem discursiva da língua portuguesa.
 - II. Teve como integrantes fundamentais Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari.
 - III. Foi um projeto de renovação formal e estética da poesia brasileira, cuja importância ficou restrita à década de 1950.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
 - b) Apenas II.
 - c) Apenas III.
 - d) Apenas I e II.
 - e) I, II e III.
2. Sobre as principais características do Concretismo, é incorreto afirmar:
- a) Principal corrente de vanguarda da Literatura Brasileira, o Concretismo foi fortemente influenciado pelas vanguardas europeias do começo do século XX.
 - b) O Concretismo foi responsável por marcar um avanço na arte multimídia, pois a poesia passou a ter relação imediata com outras artes.
 - c) O Concretismo foi marcado pelas experiências estéticas no campo da linguagem, apresentando poucas inovações em relação à forma.
 - d) Uma das principais características do Concretismo foi a ruptura com a estrutura discursiva do verso tradicional.
 - e) Entre os recursos da poesia concretista estão: experiências sonoras, emprego de caracteres tipográficos de diferentes formas e tamanhos e criação de neologismos.

3. Na obra Quaderna (1960), João Cabral de Melo Neto incluiu um conjunto de textos, intitulado "Poemas da cabra", cujo tema é o papel desse animal no universo social e cultural nordestino. Um desses poemas é reproduzido abaixo

Um núcleo de cabra é visível
por debaixo de muitas coisas.
Com a natureza da cabra
outras aprendem sua crosta.

Um núcleo de cabra é visível
em certos atributos roucos
que têm as coisas obrigadas
a fazer de seu corpo couro.

A fazer de seu couro sola.
a armar-se em couraças, escamas:
como se dá com certas coisas
e muitas condições humanas.

Os jumentos são animais
que muito aprenderam com a cabra.
O nordestino, convivendo-a,
fez-se de sua mesma casta.

Acerca desse poema, NÃO se pode afirmar que

- a) o poeta vê a cabra como um animal forte e que influencia outros seres que vivem em condições adversas.
- b) aquilo que a cabra parece ensinar aos demais seres é a resignação e a paciência diante da adversidade.
- c) a cabra oferece uma espécie de modelo comportamental para aqueles que precisam ser fortes para enfrentar uma vida dura.
- d) a cabra é um animal resistente ao meio hostil em que vive, assim como outros animais também o são, como o jumento.
- e) há no poema uma aproximação entre a cabra e o homem nordestino, pois ambos são fortes e resistentes.

4. Cidade, City, Cité

atrocaducapacaustiduplielastifeliferofugahisto-
riloqualubrimendimultipliorganiperiodiplasti-
publirapareciprorustisagasimplitenaveloveravi-
vaunivoracidade

city

cité

O primeiro dos três "versos" do poema "Cidade/City/Cité", de Augusto de Campos, se compõe de uma longa "palavra" em que se pode subentender o termo "cidade" após "atro[cidade]", "cadu[cidade]", "causti[cidade]", "dupli[cidade]" e assim por diante, até "voracidade", a que se seguem os versos "city" e "cité".

Com base nessa obra, é CORRETO afirmar que

- a) Poesia Concreta defendia o êxodo urbano, ou seja, a fuga da cidade para o campo em busca de condições mais saudáveis de vida.
- b) o caráter cosmopolita de Poesia Concreta se pode ilustrar com a presença plurilingue de vocábulos como "cidade", "city" e "cité".
- c) o poema de Augusto de Campos busca, a um tempo, a "fero[cidade]" e a "simpli[cidade]" da Bossa-nova e da Tropicália, respectivamente.
- d) os poemas concretistas privilegiaram o trabalho com versos de métrica regular e bastante extensos (como em "velo[cidade]" e "multipli[cidade]").
- e) o termo "voracidade" ("atributo daquele que devora") fechando o verso, confirma o caráter monótono e homogêneo que a cidade possui.

5. Leia o que disse João Cabral de Melo Neto, poeta pernambucano, sobre a função de seus textos:

"Falo somente com o que falo: a linguagem enxuta, contato denso; falo somente do que falo: a vida seca, áspera e clara do sertão; falo somente por quem falo: o homem sertanejo sobrevivendo na adversidade e na míngua. Falo somente para quem falo: para os que precisam ser alertados para a situação da miséria no Nordeste."

Para João Cabral de Melo Neto, no texto literário,

- a) a linguagem do texto deve refletir o tema, e a fala do autor deve denunciar o fato social para determinados leitores.
- b) a linguagem do texto não deve ter relação com o tema, e o autor deve ser imparcial para que seu texto seja lido.
- c) o escritor deve saber separar a linguagem do tema e a perspectiva pessoal da perspectiva do leitor.
- d) a linguagem pode ser separada do tema, e o escritor deve ser o delator do fato social para todos os leitores.
- e) linguagem está além do tema, e o fato social deve ser a proposta do escritor para convencer o leitor.

6. São características da poesia de João Cabral de Melo Neto:
- a) Corte profundo entre a poesia romântica e a poesia moderna. O poeta criou um novo conceito de poesia, que dessacraliza a chamada "poesia profunda", ou seja, a poesia em que predominam os versos de sentimentos ou de abordagem introspectiva. Sua poesia é antilírica, presa ao real e direcionada ao intelecto, não às emoções.
 - b) Para o poeta, todo o ato de escrever provém da inspiração, fruto de uma investigação íntima que privilegia os sentimentos e o lirismo.
 - c) O lirismo de João Cabral de Melo Neto, que tem raízes no neossimbolismo, concilia o humor com temas do cotidiano, como a infância, a vida, a morte e o amor.
 - d) Dada sua farta produção poética, a poesia de João Cabral de Melo Neto costuma ser dividida em quatro fases: a fase *gauche*; a fase social; a fase do "não" e a fase da memória.
 - e) João Cabral de Melo Neto integra o grupo de poetas religiosos que se formou no Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 40. Sua poesia é dividida em duas fases: a fase transcendental e a fase material.

7. O trecho abaixo é um fragmento de "Morte e vida severina", poema escrito por João Cabral de Melo Neto. O poema conta a história de Severino, um retirante que foge da seca, saindo dos confins da Paraíba para chegar ao litoral de Pernambuco (Recife). Lá, o retirante acredita que irá encontrar melhores condições de vida. Este excerto (trecho) conta o momento em que, no final de sua caminhada, Severino chega ao litoral. Mas, mesmo ali, encontra apenas sinais de morte, como quando estava no sertão. Completamente desacreditado, sugere a um morador da região que pretende o suicídio. Então, inicia com ele uma discussão. Acompanhe:

"- Seu José, mestre Carpina

Para cobrir corpo de homem

Não é preciso muita água.

Basta que chegue ao abdômen

Basta que tenha fundura igual a de sua fome.

- Severino retirante,

O mar de nossa conversa

Precisa ser combatido

Sempre, de qualquer maneira.

Porque senão ele alaga e destrói a terra inteira.

- Seu José, mestre Carpina,

Em que nos faz diferença

Que como friteira se alastre,

Ou como rio na cheia

Se acabamos naufragados

num braço do mar da miséria?"

NETO, J. C. de M. Morte vida Severina, 1955.

O argumento central de Severino para defender sua intenção de suicidar-se é:

- a) o de que o rio, tendo fundura suficiente, será o melhor meio, naquela situação, para conseguir seu intento.
- b) o de que não é possível lutar com as mãos, já que as mãos não podem conter a água que se alastra.
- c) o de que não é possível conter o mar daquela conversa, dada sua extensão e volume.
- d) o de que a miséria, entendida como mar, irá naufragar mesmo a todos, independentemente do que se faça.
- e) o de que abandonando as mãos para trás será mais fácil afogar-se, já que não poderá nadar.

8. O açúcar
O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.
Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
[dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.
Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.
(...)
Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

Ferreira Gullar. Toda Poesia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 227-8.

A antítese que configura uma imagem da divisão social do trabalho na sociedade brasileira é expressa poeticamente na oposição entre a doçura do branco açúcar e

- a) o trabalho do dono da mercearia de onde veio o açúcar.
- b) o beijo de moça, a água na pele e a flor que se dissolve na boca.
- c) o trabalho do dono do engenho em Pernambuco, onde se produz o açúcar.
- d) a beleza dos extensos canaviais que nascem no regaço do vale.
- e) o trabalho dos homens de vida amarga em usinas escuras.

9. TEXTO I

O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias,
mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?

MELO NETO, J. C. Obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994 (fragmento).

TEXTO II

João Cabral, que já emprestara sua voz ao rio, transfere-a, aqui, ao retirante Severino, que, como o Capibaribe, também segue no caminho do Recife. A autoapresentação do personagem, na fala inicial do texto, nos mostra um Severino que, quanto mais se define, menos se individualiza, pois seus traços biográficos são sempre partilhados por outros homens.

SECCHIN, A. C João Cabral: a poesia do menos. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999 (fragmento).

Com base no trecho de Morte e Vida Severina (Texto I) e na análise crítica (Texto II), observa-se que a relação entre o texto poético e o contexto social a que ele faz referência aponta para um problema social expresso literariamente pela pergunta "Como então dizer quem fala / ora a Vossas Senhorias?". A resposta à pergunta expressa no poema é dada por meio da

- a) descrição minuciosa dos traços biográficos do personagem-narrador.
- b) construção da figura do retirante nordestino como um homem resignado com a sua situação.
- c) representação, na figura do personagem-narrador, de outros Severinos que compartilham sua condição.
- d) apresentação do personagem-narrador como uma projeção do próprio poeta, em sua crise existencial.
- e) descrição de Severino, que, apesar de humilde, orgulha-se de ser descendente do coronel Zacarias.

10. Meu povo, meu poema

Meu povo e meu poema crescem juntos
Como cresce no fruto
A árvore nova
No povo meu poema vai nascendo
Como no canavial
Nasce verde o açúcar
No povo meu poema está maduro
Como o sol
Na garganta do futuro
Meu povo em meu poema
Se reflete
Como espiga se funde em terra fértil
Ao povo seu poema aqui devolvo
Menos como quem canta
Do que planta

FERREIRA GULLAR. *Toda poesia*. José Olympio: Rio de Janeiro, 2000.

O texto *Meu povo, meu poema*, de Ferreira Gullar, foi escrito na década de 1970. Nele, o diálogo com o contexto sociopolítico em que se insere expressa uma voz poética que

- a) precisa do povo para produzir seu texto, mas se esquia de enfrentar as desigualdades sociais.
- b) dilui a importância das contingências políticas e sociais na construção de seu universo poético.
- c) associa o engajamento político à grandeza do fazer poético, fator de superação da alienação do povo.
- d) afirma que a poesia depende do povo, mas esse nem sempre vê a importância daquela nas lutas de classe.
- e) reconhece, na identidade entre o povo e a poesia, uma etapa de seu fortalecimento humano e social.

Gabarito

1. **D**
O Concretismo surgiu na década de 1950 e perdura até os dias de hoje, influenciando grupos de poetas, músicos e artistas plásticos.
2. **C**
O Concretismo apresentou grandes inovações estéticas não só no campo da linguagem, mas também na estrutura discursiva do poema, valendo-se de materiais gráficos e visuais.
3. **B**
Nenhum elemento no poema remete a resignação ou paciência. Em contrapartida, a força e a resistência são características que, segundo o eu lírico, foram aprendidas por jumentos e homens em sua convivência com a cabra: "Com a natureza da cabra Outras aprendem sua crosta".
4. **B**
A poesia concreta, de fato, tem um caráter cosmopolita que é, no poema, ilustrado pela presença plurilíngue de vocábulos como "cidade", "city" e "cité".
5. **A**
Além de harmonizar forma e conteúdo, a arte literária reflete um fato social; portanto, a única alternativa possível sobre a função dos textos de João Cabral é a alternativa a.
6. **A**
A obra de João Cabral de Melo Neto reinventa o conceito de poesia, que dessacraliza a chamada "poesia profunda", isto é, a poesia em que predominam os versos de sentimentos ou de abordagem introspectiva. Sua poesia é antilírica, presa ao real e direcionada ao intelecto, não às emoções.
7. **D**
"Em que nos faz diferença /Que como frieira se alastre, /Ou como rio na cheia/Se acabamos naufragados/num braço do mar da miséria?" os versos anteriores deixam clara a desesperança de Severino, justificando a alternativa "D"
8. **A**
Como vimos, a antítese trata da aproximação de palavras com sentidos opostos. Observe que a alternativa (E) traz o adjetivo "amarga", opondo-se à doçura do açúcar. Já na expressão "usinas escuras", temos uma oposição à brancura do açúcar. Logo, é a única alternativa que apresenta, de fato, uma oposição clara entre as palavras. Observe que nenhuma alternativa traz palavras que se opõem ao que foi pedido no enunciado, pois falam de situações que se completam.
9. **C**
A afirmação correta, alternativa C, é resposta à pergunta "Como então dizer quem fala / ora a Vossas Senhorias?". Expressa no poema a representação de muitos Severinos que compartilham a mesma condição, ou seja, da figura do retirante nordestino.
10. **E**
Nota-se que o povo e o poema são indissociáveis, em todo o texto. Percebe-se que o poema nasce do povo (1ª estrofe), cresce (2ª estrofe) e amadurece (3ª estrofe) junto com ele e, por fim, nele se reflete (4ª estrofe). Ferreira Gullar buscava, por meio da arte, lutar contra a injustiça social e contra a opressão.